



Estação Utopia. Bienal de Veneza, 2003.
Curadoria de Molly Nesbit, Hans-Ulrich Obrist
e Rirkrit Tiravanija. Lugar de encontro em
que foram promovidos debates, seminários,
performances, posters e publicações.

Algo falta: uma discussão entre Ernst Bloch e Theodor W. Adorno sobre as contradições do desejo utópico*¹

Ernst Bloch e Theodor W. Adorno

Ernst Bloch e Theodor W. Adorno, mediados por Horst Krüger, discutem o termo utopia partindo do reconhecimento de sua depreciação e adentrando diversos temas, por exemplo sua relação com o aperfeiçoamento do mundo tecnológico, a liberdade e a felicidade como seus supostos conteúdos, sua associação com a morte e de que modo aquilo que falta está inserido na esperança.

Utopia, esperança, liberdade.

Horst Krüger (moderador): Hoje em dia a palavra utopia não soa muito bem. Ela tem sido depreciada e é mais comumente empregada em sentido negativo, como utópica. Há algo de anacrônico em nosso tema e também em nosso termo.

Theodor W. Adorno: Se me for permitido começar, embora eu talvez não seja a pessoa adequada para isso, uma vez que meu amigo Ernst Bloch é o maior responsável por restaurar a honra da palavra utopia em seu trabalho *O espírito da utopia* (*Geist der Utopie*), eu gostaria de recordar que numerosos dos chamados sonhos utópicos – por exemplo, a televisão, a possibilidade de viajar para outros planetas, mover um objeto mais rápido do que o som – já foram realizados. No entanto, à medida que esses sonhos têm sido concretizados, eles são computados como se o melhor a seu respeito tivesse sido esquecido – nunca se está satisfeito com eles. Realizados, esses sonhos têm assumido uma qualidade peculiar de sobriedade, do espírito do positivismo e, acima de tudo, de tédio. O que quero dizer é que não se trata simplesmente de pressupor que aquilo que existe tem limitações, em oposição ao que teria infinitas possibilidades imagináveis. Estou falando de algo concreto, do fato de que um sujeito se vê quase sempre enganado: a consumação de um desejo rouba algo da substância dos desejos, como no conto de fadas no qual o fazendeiro ganha três desejos e, se não me engano, ele pede que sua mulher tenha uma salsicha no lugar do nariz, e logo em seguida usa seu segundo desejo para retirar a salsicha do nariz dela. Em outras palavras, alguém pode assistir à televisão hoje e ver coisas longínquas, mas em vez da imagem-desejo que dá acesso à utopia erótica, o que vê, na melhor das hipóteses, é alguma cantora pop mais ou menos atraente que continua a enganar o espectador a respeito de sua beleza enquanto canta algum tipo de besteira, em vez de mostrá-la. E essa canção geralmente consiste em harmonizar “rosas” com “luar.” Além disso, pode-se talvez dizer que a concretização de uma utopia consiste, em larga escala, apenas na repetição de um “hoje” que é continuamente

Tradução Júlia Souza Cabo
Revisão técnica Vera Lins

* Texto recebido e aceito para publicação em março de 2011.

¹ Este texto foi originalmente publicado em alemão no livro *Gespräche mit Ernst Bloch*, editado por Rainer Traub e Harald Wieser, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1975. A tradução aqui publicada teve como origem a edição em inglês incluída em *The Utopian Function of Art and Literature: selected essays*, Ernst Bloch, translated by Jack Zipes and Frank Mecklenburg, Cambridge, Massachusetts/London: The MIT Press, 1989, 2. ed. (N.E.).

o mesmo. Em outras palavras, se para Wilhelm Busch "Também é belo em outro lugar; e aqui estou de qualquer forma", então essa palavra hoje começa a assumir um significado aterrador, em vista da realização das utopias tecnológicas, isto é, "aqui estou de qualquer forma" também toma posse do "outro lugar", em que o grande senhor Pief,² com sua também grande visão, havia desejado estar.

Krüger: Senhor Bloch, também acredita que a depreciação do termo utopia está conectada, como posso dizer, com o "aperfeiçoamento do mundo tecnológico"?

Ernst Bloch: Sim e não; tem alguma relação com isso. O aperfeiçoamento tecnológico não está tão completo como se imagina. Limita-se a um pequeno número de sonhos-desejos. Pode-se ainda adicionar o antigo sonho de voar. Se bem me lembro, Dehmel³ escreveu um poema a respeito em que num verso observa: "E ser tão livre como um pássaro" – o desejo está lá também. Em outras palavras, há um resíduo. Há muitas coisas que ainda não foram realizadas e/ou banalizadas pela realização – a despeito do ponto de vista mais profundo que enxerga em cada realização a melancolia decorrente. Então, a realização não é ainda real, imaginável ou postulável sem algum resíduo. Não só isso, entretanto, ocasiona a depreciação da utopia. Incidentalmente, eu acredito que a depreciação seja muito antiga – o slogan "isso é apenas uma ideia utópica" reduzido de forma depreciativa para "castelo de areia"; para um "pensamento otimista" sem nenhuma possibilidade de finalização; para imaginar e sonhar certas coisas no sentido mais banal –, muito antiga, e não foi a nossa época que a produziu. Não tenho certeza, mas pode ser que nossa época tenha trazido em si uma elevação do utópico – embora com outro nome: ficção científica no meio tecnológico e "semear o trigo" na teologia, na qual o princípio esperança do qual tratei com grande ênfase desempenha um papel. Começa a desempenhar um papel optativamente; o "se ao menos fosse assim", que tomou o lugar da realidade, é realmente assim e de nenhuma outra forma. Tudo isso não é mais denominado utopia ou, se é assim nomeado, está associado com as antigas utopias sociais. Acredito, contudo, que não vivemos tão longe do topos da utopia, no que diz respeito ao conteúdo, e ainda menos distante da utopia em si. Bem no início, Thomas More designou como utopia um lugar, uma ilha distante nos mares do sul. Essa designação passou por mudanças posteriormente, de forma que deixou o espaço e adentrou o tempo. As utopias, especialmente aquelas dos séculos XVIII e XIX, transpuseram a terra desejada mais para o futuro. Em outras palavras, há uma transformação do topos utópico do espaço para o tempo. Em Thomas More, o lugar desejado está pronto, em uma ilha distante, mas eu não estou lá. Por outro lado, quando é transportado para o futuro, não apenas eu não estou lá, mas a utopia em si também não. Essa ilha nem sequer existe. Não é, porém, algo como uma bobagem ou total fantasia: pelo contrário, *ainda* não existe no sentido de possibilidade, mas *poderá* existir se ao menos pudermos fazer algo em relação a isso. Não só se viajarmos até lá, mas *ao viajar* até lá é que a ilha utopia emerge no mar das possibilidades – utopia, mas com novo conteúdo. Acredito que nesse sentido a utopia não perdeu de forma alguma sua validade a despeito da terrível banalização que tem sofrido e a despeito da tarefa de que foi incumbida por uma sociedade – e aqui concordo plenamente com meu amigo Adorno – que se entende totalmente afluente e agora já sem classes.

2 O grande senhor Pief é personagem do livro *Pösch und Plum* (1882) de Wilhelm Busch, que escreveu o seguinte poema sobre ele: "Zugest in diese Gegend/ Noch viel mehr als sehr vermögend/ In der Hand das Perspektiv/ Kam ein Mister namens Pief/ 'Warum soll ich nicht beim Gehen'/ Sprach er – 'in die Ferne sehen?/ Schön ist es auch anderswo./ Und hier bin ich sowieso.'" (Acabei de chegar nesta região/ Muito mais do que muito rico/ Em sua mão um telescópio/ Veio um senhor com o nome Pief/ "Por que não deveria olhar"/ Ele disse, "para distante enquanto ando?/ Também é belo em outro lugar/ E aqui estou de qualquer forma").

3 Richard Dehmel (1863-1920) foi importante precursor do expressionismo alemão.

Adorno: Sim, eu apoio o que você disse e quero usar sua implícita objeção para fazer uma pequena correção no que eu disse. Não era minha intenção fazer da tecnologia e da sobriedade, que supostamente é conectada à tecnologia, as responsáveis pelo estranho retraimento da consciência utópica, mas, aparentemente, a questão concerne algo muito maior: ela se refere à oposição entre conquistas tecnológicas específicas e inovações na totalidade – em particular, na totalidade social. O que quer que a utopia seja, o que quer que possa ser imaginado como utopia, isso sim é a transformação da totalidade. E a imaginação de tal transformação é basicamente muito diferente nas chamadas conquistas tecnológicas – que, incidentalmente, são todas como você diz: muito modestas, muito estreitas. Parece-me que o que as pessoas perderam subjetivamente no que diz respeito à consciência é simplesmente a capacidade de imaginar a totalidade como algo que poderia ser completamente diferente. O fato de que as pessoas estejam comprometidas com este mundo tal como ele é e tenham a consciência bloqueada para as possibilidades, tudo isso tem realmente causa muito profunda; uma causa que, eu penso, está conectada *exatamente* com a proximidade da utopia, com a qual você se preocupa. Minha tese sobre isso é que no fundo todos os seres humanos, admitam ou não, sabem que poderia ser possível. Não só eles poderiam viver sem fome ou sem ansiedade, como também poderiam viver como seres humanos livres. Ao mesmo tempo, o aparato social se embruteceu contra as pessoas e, assim, qualquer coisa que pareça a seus olhos, por todo o planeta, algo possível de ser alcançado, a possibilidade evidente de satisfação, irá ser apresentado como algo radicalmente impossível. E quando, hoje, as pessoas universalmente dizem o que, um dia, era pronunciado apenas por filisteus em tempos menos sombrios, “Ah, isso é apenas utopia; ah, isso só é possível em sonhos. Basicamente, isso não deve de jeito maneira ser assim”, eu diria que isso se deve a uma situação que compele as pessoas a dominar a contradição entre a óbvia possibilidade de concretização e a igualmente óbvia impossibilidade de concretização dessa forma, o que as leva a se identificar com essa impossibilidade dentro daquilo mesmo que lhes diz respeito. Em outras palavras, para usar Freud, elas se “identificam com o agressor” e dizem que *isso não deve ser ao mesmo tempo em que sentem que é justamente isso que deveria ser*, mas elas estão impossibilitadas de obtê-lo por um feitiço lançado no mundo.

Krüger: Professor Bloch, qual é realmente o conteúdo da utopia? É a felicidade? É a satisfação? É a liberdade? palavra que só recentemente apareceu em nossa discussão... Tem-se esperança de quê?

Bloch: Por muito tempo as utopias apareceram exclusivamente como utopias sociais: sonhos de vida melhor. O título da obra de Thomas More é *De optimo statu rei publicae deque nova insula Utopia* (Sobre o melhor tipo de Estado e a nova Ilha Utopia), e a *optima res publica* – o melhor Estado – é colocado por Thomas More como o objetivo. Em outras palavras, há uma transformação do mundo para a melhor possibilidade de realização da felicidade, da felicidade social. Tampouco é o caso de que as utopias não tivessem “itinerário ou cronograma”; quanto ao conteúdo, elas dependem das condições sociais. Thomas More, que viveu na época em que o imperialismo britânico estava começando, durante o

período elisabetano, estabeleceu condições liberais para o sentimento entre os habitantes da ilha. Cem anos depois, durante o período de Felipe II e da dominação espanhola sobre a Itália, na atmosfera do julgamento de Galileu,⁴ Campanella concebeu um contramodelo para a liberdade em *A cidade do sol*. E afirmou que todas as condições só poderiam ser organizadas se a maior ordem possível reinasse, se tudo estivesse arrematado com extrema sensatez. O objetivo de More e de Campanella, porém, sempre esteve no campo do sonho consciente, que possui mais ou menos alicerces objetivos ou pelo menos está fundado no sonho e não no insensato devaneio acerca de uma vida melhor. Além disso, as inovações tecnológicas fizeram suas primeiras aparições no trabalho de Campanella e, mais claramente, em *Nova Atlantis*, de Bacon. Seu "Templum Salomonis" é a antecipação de uma completa universidade tecnológica, na qual existem invenções monstruosas, um programa completo de invenções. Ainda assim, há um nível muito mais antigo de utopias que não devemos esquecer; que sobretudo nós não devemos esquecer – o conto de fadas. O conto de fadas não só é repleto de utopias sociais, em outras palavras, utopias para uma vida melhor e mais justa, mas também de utopias tecnológicas, principalmente nas lendas orientais. No conto "O cavalo mágico," de *As mil e uma noites*, há até mesmo uma gangorra que controla as subidas e descidas do cavalo mágico – isto é, um helicóptero. Uma pessoa poderia ler *As mil e uma noites* em vários momentos como um manual de invenções. Bacon tratou disso e depois se afastou do conto de fadas, afirmando que suas afirmações, a verdadeira mágica, estão relacionadas com o tipo mais antigo de imagens-desejo dos contos de fada, assim como os feitos de Alexandre, o Grande estão relacionados com os feitos do Rei Arthur, da Távola Redonda. O conteúdo das utopias, portanto, muda de acordo com a situação social. No século XIX a conexão com a sociedade de então pode ser vista claramente, mais ainda nos trabalhos de Saint-Simon e de Fourier, grande, exato e sóbrio analista que profetizou o surgimento do monopólio já em 1808 em seu livro *Théorie des quatre mouvements*. Em outras palavras, nesse caso é a utopia negativa que aparece, também. O conteúdo muda, mas a invariável de direção está lá, psicologicamente expressa, por assim dizer, como desejo, sem consideração nenhuma pelo conteúdo – um desejo que atravessa todo ser humano e é, acima de tudo, sua única qualidade honesta. Então, no entanto, começam as questões e qualificações: o que eu desejo como sendo o ótimo? Aqui uma pessoa deve sair da base geradora (*Stammhaus*) das utopias – estou falando das utopias sociais – em favor da totalidade, como você disse, de forma que possa ver outras regiões que não levam o nome de "tecnologia." Há a arquitetura que nunca foi construída, mas foi desenhada, uma arquitetura-desejo de grande estilo. Há a arquitetura teatral, que era construída com papelão e não custava muito em tempos em que o dinheiro estava faltando e a tecnologia ainda não havia avançado muito. Na Era Barroca, principalmente no Teatro Barroco de Viena, existiam tremendos prédios que jamais poderiam ser habitados porque eram construídos de papelão e ilusão, mas que, ainda assim, tinham visualidade. Existem utopias médicas que contêm nada menos do que a eliminação da morte – meta completamente tola e remota –, mas também há algo sóbrio, como a eliminação ou alívio da dor, o que é muito mais fácil e já foi realizado com a invenção da anestesia. A meta não é apenas a eliminação da doença; deseja-se também que as pessoas

4 Os julgamentos de Galileu foram realizados em Roma em 1615-16 e 1663.

depois de uma operação fiquem mais saudáveis do que estavam antes. Há, portanto, a reconstrução do organismo, semelhante à reconstrução do Estado. Acima de tudo há, como eu disse no início, a utopia religiosa. Isso é realmente o campo divino, o que aparece no fim ou que anuncia o que o Messias ou Cristo trazem – distantes imagens-desejo, com enorme conteúdo e grande profundidade, que aparecem aqui para, eu acredito, que uma pessoa possa olhar para as utopias sociais e para o que nelas ressoa e é colocado em movimento por essas imagens-desejo que, no entanto, podem ser discutidas individualmente de acordo com o grau de possibilidade que as condições presentes apresentam para sua realização – em outras palavras, no espaço, no *topos* de uma possibilidade real objetiva. A possibilidade não é tratada insuficientemente como uma “enteada” entre as categorias à toa, e também não é claramente nomeada – a possibilidade...

Adorno: Até Hegel trata isso de modo insuficiente...

Bloch: Sim, até Hegel; ele tinha que tratá-la assim devido a essa antiga noção: não há nada possível que não seja real. Em outras palavras, a possibilidade é categoria absolutamente subjetivo-reflexiva nos escritos de Hegel.⁵

Adorno: E é por isso que leva “um tapa na cara”.

Bloch: Sim, mas quando o oceano de possibilidades é muito maior do que a nossa habitual terra da realidade, que poderia ser denominada o presente do qual dispomos (*Zurhandenheit*)⁶ sem necessitar de associações... Se você me permite...

Adorno: Por favor!

Bloch: ... sem destacar a “autenticidade” (*Eigentlichkeit*),⁷ então podemos entender por que a possibilidade tem sido mal vista. Há um interesse muito claro que tem prevenido que o mundo se torne o que é possível, e isto é tratado de forma displicente e, como mencionado, tem sido insuficientemente trazido à discussão filosófica, para não mencionar os insultos que tem recebido. Insultos paralelos àqueles direcionados à utopia.

Adorno: Sim, e aqui eu gostaria de retornar à questão colocada pelo senhor Krüger sobre o conteúdo da utopia. Eu acredito, Ernst, que você demonstrou uma grande série de, como posso dizer, de diferentes tipos de consciência utópica. E que há muito a ser feito com o tópico porque não existe um tipo único e fixo de conteúdo utópico. Quando mencionei a “totalidade”, eu não estava limitando meu pensamento ao sistema de relações humanas, mas estava pensando sobre o fato de que todas as categorias podem mudar a si mesmas de acordo com aquilo que as constitui. Assim, eu diria que o que é essencial no conceito de utopia é ele não consistir em categoria determinada, única, que se transforma e da qual todo o resto se constitui; por exemplo, da qual se infere que a categoria felicidade sozinha é a chave da utopia.

5 A categoria subjetivo-reflexiva denota a reflexão de um sujeito em contraste com a categoria (matéria) que está presente no objeto da própria realidade.

6 *Zurhandenheit* (presente, à mão) é termo desenvolvido por Heidegger para descrever aquilo com o que as pessoas lidam em suas vidas cotidianas, por exemplo, instrumentos.

7 Bloch refere-se ao livro de Adorno *O jargão da autenticidade* (*Jargon der Eigentlichkeit*), no qual ele critica ferozmente a linguagem de Heidegger e a ideologia do existencialismo.

Krüger: ... nem mesmo a categoria liberdade?

Adorno: Nem mesmo a categoria liberdade pode ser isolada. Se tudo dependesse de considerá-la, sozinha, a chave para a utopia, então o conteúdo do idealismo seria igual ao da utopia, pois o idealismo nada busca além da realização da liberdade, sem realmente incluir a felicidade no processo. É dentro de um contexto que *todas* essas categorias aparecem e se conectam. A categoria felicidade sempre tem algo de ignóbil se pensada isoladamente a parece enganosa para as outras categorias. Ela se transformaria assim como, por outro lado, a categoria liberdade também o faria, o que já não seria um fim em si mesmo e um fim em si mesmo subjetivamente (*Innerlichkeit*), mas teria que se realizar. Com certeza, eu acredito que – e me comove profundamente, Ernst, que tenha sido você a levantar o assunto, pois meu pensamento recentemente tem girado em torno disso – a questão da eliminação da morte é de fato crucial. Isso é o cerne da questão. Pode ser verificado com facilidade; basta falar sobre a eliminação da morte com alguém de boa disposição – estou pegando emprestada a expressão de Ulrich Sonnennmann, que a cunhou e introduziu. Então você obterá uma resposta *imediata*, da mesma forma que um policial viria atrás de você se jogasse uma pedra em uma delegacia. Sim, se a morte fosse eliminada, se as pessoas não mais morressem, isto seria uma coisa terrível, horrorosa. Eu diria que é precisamente esse tipo de reação que na verdade se opõe à consciência utópica na maior parte do tempo. A identificação com a morte é o que vai além da identificação das pessoas com as condições sociais existentes e nas quais elas se estendem.

A consciência utópica significa uma consciência na qual a *possibilidade* de as pessoas não mais terem que morrer nada tem de terrível, mas, ao contrário, é *justamente* aquilo que se deseja.

Além disso, é muito chocante – você falou sobre aquilo que está à mão (*Zuhandenheit*) – é muito chocante que Heidegger em um certo nível já tenha difamado a possibilidade de existência sem morte como uma questão meramente ontológica que concerne ao fim da existência (*Daseinsende*). Ele acreditava que a morte, como é, só iria reter sua absoluta, ontológica e, assim, essencial dignidade se fosse desaparecer ontologicamente (isto é, no campo da existência), o que vem a ser a santificação da morte ou fazer da morte um absoluto na filosofia contemporânea, o que me parece a absoluta antiutopia, a chave para a categoria.

Então eu diria que não há categoria *única* pela qual a utopia se possa permitir ser nomeada. Se, entretanto, alguém quer entender como essa inteira questão se resolve, ela é, na verdade, muito importante.

Krüger: Senhor Bloch, aceitaria tudo o que foi elaborado até aqui, que, até certo ponto, é realmente o medo que as pessoas têm da morte, o medo de ter que morrer, a mais profunda e também a mais legítima raiz de seus pensamentos utópicos?

Bloch: Sim, a preocupação com a morte aparece em duas áreas: numa instância, na medicina, em que é prática, empírica ou vocacional, por assim dizer; em outra instância, na religião. A cristandade triunfou nos primeiros séculos com o chamado "Eu sou a ressurreição e a vida!". Triunfou com o sermão da montanha e com a escatologia. Realmente, a morte configura a mais difícil antiutopia. Pregar o caixão coloca um fim em todas as nossas séries de ações individuais, no mínimo. Em outras palavras, também deprecia o que veio antes.

E quando não há mais nada? Voltaire retratou o desespero – o desespero total de um naufrago que está nadando em meio às ondas e lutando e se debatendo por sua vida quando recebe uma mensagem de que aquele oceano em que se encontra não tem costa e que a morte está completa no presente em que o naufrago se encontra. E é por isso que o esforço do nadador não levará a nada, pois ele nunca encontrará terra; estará sempre naquela situação. Com certeza, a maior contrautopia existe, e isso deve ser dito para tornar as coisas mais difíceis. Do contrário, não existiria aquela criatura heideggeriana (*Wesen*), se não existisse algo na realidade que é inevitável e não tem história até agora e nenhuma mudança no processo real – portanto, se essa realidade em si não se protegesse tão extraordinariamente de um teste.

E aqui tocamos o campo do sentimento de liberdade. Ele está relacionado com os sonhos de vida melhor, que caracterizam as utopias sociais, mas que delas também se distinguem. Nas utopias sociais, particularmente, as melhores condições possíveis de vida comunal estão definidas ou pela liberdade ou pela ordem. Aqui a liberdade é uma variável ou uma auxiliar para a melhor vida possível. A liberdade, enquanto sentimento, não aparece na utopia, mas no direito natural e, com certeza, no direito natural liberal do século XVIII em conexão com o andamento justo, em conexão com a dignidade humana, que só é garantida com a liberdade. Guilherme Tell e os dramas de Alfieri são cheios de grandes figuras libertárias que se levantam com independência e gritam "Aos tiranos!" Aqui pode-se encontrar o direito natural, e isso também está dentro do campo da possibilidade real e objetiva, mas não se equivale à utopia social. Em outras palavras, há duas partes utópicas: as utopias sociais enquanto construções da condição em que as pessoas não seriam sobrecarregadas e obrigadas a trabalhar; e a lei natural, segundo a qual não haveria pessoas humilhadas ou insultadas. A que eu tento caracterizar em meu livro *Direito natural e a dignidade humana* é esta última. Agora, há uma terceira. No entanto, não é o milagre, mas a morte, que é a filha preferida da fé, e essa é a melhor maneira de expressá-la. Ainda assim, é necessário um milagre para que possamos remover a morte de nosso campo de visão. Isso significa, então, a ressurreição de Cristo, isto é, a fé, ou "Quem me irá salvar das garras da morte?", como registra a Bíblia, no Novo Testamento. Isso é transcendental; é algo que nós não podemos fazer. Então precisamos da ajuda do batismo, da morte de Cristo e da ressurreição. Nesse processo transcende-se a utopia na escolha dos meios possíveis. E, ainda assim, ele pertence à utopia.

Adorno: Sim, eu acredito nisso também. Realmente, a questão aqui não é compreender a eliminação da morte como um processo científico no qual cruza-se a barreira entre a vida

orgânica e a inorgânica através de novas descobertas. Com certeza, eu acredito que na ausência da noção de uma vida desacomodada e livre da morte, é impossível pensar a ideia de utopia, de *A utopia*. Por outro lado, há algo que você aludiu sobre a morte que eu diria que é absolutamente correto. Há algo de profundamente contraditório em toda utopia, algo que não pode ser concebido sem a total eliminação da morte, e isso é inerente ao pensamento. Estou falando a respeito do peso da morte e de tudo que a ela se conecta. Onde quer que isso não esteja incluído, onde quer que o limiar da morte não seja também considerado, aí não pode haver utopia. E me parece que isso tem grandes consequências para a teoria do conhecimento da utopia; se me for permitida uma colocação grosseira, é impossível descrever ou retratar a utopia de forma positiva. Cada tentativa nesse sentido será uma tentativa de evitar a contradição da morte e falar da eliminação da morte como se ela não existisse. Essa talvez seja a razão mais profunda, a razão metafísica pela qual só se pode falar sobre a utopia de maneira negativa, como demonstrado nos grandes trabalhos filosóficos de Hegel e, talvez mais enfaticamente, em Marx.

Bloch: "Negativa" não significa "depreciativa..."

Adorno: Não, não "em depreciação da utopia", mas apenas em determinada negação daquilo, porque é a única forma pela qual a morte é também incluída, pois a morte nada mais é do que o poder daquilo que simplesmente é assim como, por outro lado, é a tentativa de superá-lo. E é por isso que eu acredito que – e tudo isso agora é muito tentativo – o comando de não "retratar" a utopia ou o comando de não conceber certas utopias em detalhe em Hegel e Marx tem...

Bloch: Hegel?

Adorno: Hegel o fez à medida que depreciava o reformador-de-mundo por princípio e colocava a ideia da tendência objetiva em oposição – foi isso que Marx adotou diretamente dele – à realização do absoluto. Em outras palavras, aquilo que pode ser chamado de utopia nos trabalhos de Hegel ou o que *deve* ser chamado de utopia em sua juventude se originou exatamente nesse momento. O que está dito lá é a proibição de se formar uma imagem da utopia apenas por fazê-lo, e isso tem profunda conexão com o mandamento "Não farás para ti imagem esculpida!". Isso também era a defesa pretendida contra a utopia barata, a falsa utopia, a utopia que pode ser comprada.

Bloch: Concordo inteiramente com você. Isto nos faz retornar à primeira pergunta, por assim dizer, e ao quadro social que levou a utopia a se tornar difusa, no qual eu a retrato como sendo (*seiend*) ou no qual eu a retrato como alcançada, ainda que apenas em parte. Fica em parte alcançada no momento em que posso retratá-la num livro. Aqui, ela já se tornou real e, como você disse, "se formou enquanto imagem da utopia". Portanto, se está sendo enganado. É difuso, e há uma retificação de tendências efêmeras ou não efêmeras, como se já fosse mais do que algo para o qual se tende, como se já estivesse lá. Assim, a

rebelião iconoclasta contra tal tipo de retificação é completamente correta nesse contexto. E o desprazer deve estar sempre em guarda, pois para ele a morte, com certeza, provê contínua motivação. Realmente, a morte não é "Agora ele deve ir," como o velho Schopenhauer disse; pelo contrário, ela está sempre perturbando o indivíduo de forma que este nunca está satisfeito, não importando quão grande a satisfação seja nem quantos milagres econômicos ou estados do bem-estar social existam. Mas isso continua a existir, um "isso-não-deve-ser" da utopia, de um desejo de "atingir-a-ordem" ou um "em-geral," em que a liberdade estaria, onde tudo estaria certo ou agregado em um sentido muito mais profundo, em um sentido mais inclusivo do que o que a utopia social provê. Tal desejo está presente, e há - para voltar à morte - o medo humano da morte, que é completamente diferente do medo animal da morte. Em outras palavras, há esse medo da morte, que na verdade é colocado numa imagem e é baseado em ricas experiências que os humanos têm sofrido, e o sentimento de que objetivos múltiplos se desfazem. Pois não há utopia sem múltiplos objetivos. Em um mundo não teleológico isso não existe. O materialismo mecânico não pode ter utopia. Tudo está presente nele, mecanicamente presente. Assim, o fato de que há tanta sensibilidade em relação ao "isso-deveria-ser" demonstra que também há utopia nessa área em que ela encontra mais dificuldade. E eu acredito, Ted, que concordamos neste ponto: a função essencial da utopia é a crítica do presente. Se já não tivéssemos ultrapassado as barreiras, nem sequer perceberíamos que há barreiras.

Adorno: Sim, de qualquer forma, a utopia é essencial em determinada negação, em determinada negação do que simplesmente é, e, ao se concretizar como algo falso, sempre aponta, ao mesmo tempo, para o que deveria ser.

8 A verdade é signo de si mesmo e do falso.

9 O falso é signo de si mesmo e da verdade.

Ontem você citou Spinoza em nossa discussão da passagem "*Verum index sui et falsi*".⁸ Eu fiz uma pequena variação no sentido do princípio dialético da negação determinada e disse *Falsum* - as coisas falsas - *index sui et veri*.⁹ Isso significa que a coisa verdadeira se determina a partir da coisa falsa, ou a partir da coisa que se faz conhecer falsamente. E à medida que não nos é permitido criar uma imagem para a utopia, à medida que não sabemos o que a coisa certa seria, nós sabemos, com certeza, o que a coisa falsa é.

Essa é, na verdade, a única forma na qual a utopia nos é dada a todos. O que, entretanto, eu quero dizer aqui - e talvez devêssemos falar sobre isso, Ernst - é que essa questão também possui um aspecto que confunde, pois algo terrível acontece devido ao fato de que nos é proibido criar uma imagem para a utopia. Para ser preciso, entre aquilo que deveria ser definitivo, imagina-se, por princípio, que quanto menos definitivo, mais é visto como algo negativo. Então - e isso é provavelmente mais assustador - a proibição de uma expressão concreta para a utopia tende a difamar a consciência utópica e a engolfá-la. O que é realmente importante, no entanto, é a vontade que é diferente. E é decididamente verdade que o horror que hoje experimentamos no Leste é parcialmente conectado ao fato de que, como resultado do que Marx em seu próprio tempo criticou nos utópicos franceses e em Owen, a ideia de utopia desapareceu completamente da concepção de socialismo. Dessa forma, o

aparato, o como, os meios de uma sociedade socialista tomaram precedência em relação a qualquer conteúdo possível, pois a ninguém é permitido dizer algo sobre um possível conteúdo. Dessa forma, a teoria socialista, que é decididamente hostil em relação à utopia, tende a se tornar uma nova ideologia que se preocupa com a dominação da espécie humana. Acredito que posso lembrar do tempo em que você tinha conflitos em Leipzig, quando Ulbricht – não tenho certeza de que minha recordação esteja correta – fez uma declaração contra você: tal utopia não pode ser realizada. Ora, isso foi exatamente uma frase filistina, isto é, que não queremos em absoluto realizar.

Em contraste com isso, devemos ter uma coisa em mente. Se é verdade que uma vida com liberdade e felicidade seria possível hoje, então isso assumiria uma das formas teóricas da utopia para a qual eu não estou qualificado e, até onde entendo, nem você. Nenhum de nós, portanto, pode dizer o que seria possível nas presentes condições das forças de produção – isso pode ser dito concretamente e pode ser dito sem que se crie uma imagem correspondente definida e sem arbitrariedade. Se não for dito, se essa imagem não pode – eu quase gostaria de dizer – aparecer ao alcance de alguém, então basicamente não se sabe, em absoluto, qual a verdadeira razão para a totalidade nem por que todo o aparato foi posto para funcionar. Perdoe-me se assumi o papel de defensor para o positivo, mas acredito que, sem esse elemento, nada se pode fazer em uma fenomenologia da consciência utópica.

Krüger: Senhor Bloch, pergunto de novo: aceitaria o que o senhor Adorno disse sobre o elemento utópico ter desaparecido completamente do socialismo que domina o mundo oriental hoje?

Bloch: Com a ressalva de que também desapareceu no Ocidente e que tendências similares existem e mostram a unidade da época, a despeito de tão grandes contrastes.

Adorno: *D'accord.*

Bloch: Leste e Oeste estão *d'accord*. Estão no mesmo desafortunado barco no que diz respeito a esta questão: nada utópico deve ter permissão para existir. Existe, porém, uma diferença entre o comando de não se criar uma imagem e o aviso ou comando para que se postergue fazê-lo. O mandato, ou melhor, o princípio de trabalho que foi necessário para Marx – não dizer muito sobre o utópico –, esse princípio só se tornou polêmico em períodos de tempo, curtos ou longos; era dirigido contra os utópicos abstratos, que foram os precedentes e que acreditavam que bastava dirigir-se à consciência das pessoas ricas para que elas se levantassem de onde estivessem sentadas. Marx se opunha a essa supervalorização do intelecto das pessoas, uma supervalorização que era característica dos socialistas utópicos. Em outras palavras, o interesse teve seu papel aqui assim como no olhar hegeliano (*Blitz*) para a concretude. Isso com certeza foi necessário como remédio contra um pensamento especulativo descontrolado, contra o espírito especulativo descontrolado da época. Sem isso, *Das Kapital* (*O Capital*) jamais teria sido escrito e talvez não pudesse ter sido escrito.

Essa revolta contra a utopia que tem sido condicionada pelas épocas teve certamente consequências terríveis, muitas delas devidas ao fato de que Marx delineou muito pouco uma imagem, por exemplo, na literatura, na arte e em todo assunto desse tipo. Só o nome Balzac aparece; ao contrário, há predominantemente espaço vazio em vez de iniciativas marxistas para alcançar uma cultura superior que teria sido possível. Eu considero isso uma condição que pode ser explicada histórica e cientificamente, e, neste momento em que tal situação histórico-científica já não está mais diante de nós, quando já não mais sofremos uma superabundância de utopias, torna-se sem sentido. As consequências disso têm sido completamente terríveis, pois pessoas em situação completamente diferente têm simplesmente regurgitado os postulados de Marx em sentido literal.

Do ponto de vista marxista, é absolutamente necessário agir como um detetive traçando e descobrindo a que cada caso diz respeito – sem qualquer tipo de positivismo. Ao fazer isso, podem-se consertar as coisas, mas não se deve esquecer a outra coisa – o utópico. Pois o propósito do exercício não é tecnocrático...

Krüger: Qual seria o propósito do exercício?

Bloch: Falamos sobre a totalidade da qual tudo depende. Por que uma pessoa se levanta de manhã? Como uma situação tão especialmente impactante emerge em pleno século XIX permitindo que Wilhelm Raabe escreva esta sentença: Quando me levanto pela manhã, em minha oração diária, peço: concede-me hoje minha ilusão, minha ilusão diária. Devido ao fato de que ilusões são necessárias, se tornaram necessárias para uma vida em um mundo totalmente despojado de uma consciência utópica, de um pressentimento utópico...

Adorno: O mesmo tema aparece no trabalho de Baudelaire em que ele glorifica a mentira de maneira muito similar, e, ainda assim, há muitos poucos outros paralelos entre Baudelaire e Raabe.

Bloch: Não teria havido uma Revolução Francesa, como Marx colocou, sem as ilusões heroicas que o direito natural engendrou. Obviamente, essas ilusões não se tornaram reais, e o que delas se tornou real, o mercado livre burguês, não é nada daquilo que havia sido sonhado, esperado, desejado e requerido como utopia. Assim, se neste momento fosse emergir um mundo que está impedido por motivos aparentes, mas que é inteiramente possível, se poderia dizer, é assombroso que se faça – se tal mundo, no qual a fome e necessidades imediatas fossem eliminadas, totalmente em contraste com a morte, se este mundo fosse finalmente “autorizado a respirar” e libertado, não só se revelariam banalidades, mas um tipo de discurso cinzento e uma completa falta de perspectiva em relação à existência, tanto aqui como em outro lugar. À parte isso, haveria liberdade de ganho, em vez de liberdade para se ganhar, e isso abriria algum espaço para uma grande e provável dúvida, abriria algum espaço para decisivo incentivo em direção à utopia, o que é precisamente o significado da pequena frase de Brecht “Algo falta.” Essa frase, que está em *Mahagonny*, é uma das

crítica. Uma coisa está certamente contra ela, e uma vez que tenhamos cuidado de certos mal-entendidos, todos iremos estar de acordo aqui: esperança é o oposto de segurança. É o oposto de otimismo ingênuo. A categoria de perigo sempre está com ela. Essa esperança não é confiança...

Krüger: Esperanças podem ser frustradas.

Bloch: Esperança não é confiança. Se não pudesse ser frustrada, não seria esperança. Isso é parte dela. De outra forma, teria uma imagem formada. Deixar-se-ia ser vendida por pouco. Deixar-se-ia ser capitulada e diria: era isso que eu esperava. Assim, a esperança é crítica e pode ser frustrada. No entanto, esperança ainda hasteia uma bandeira no mastro, mesmo que em declínio, na qual o declínio não é aceito, mesmo quando muito forte. Esperança não é confiança. Está rodeada de perigos e é a consciência desses perigos e, ao mesmo tempo, a firme negação de tudo aquilo que continuamente faz o oposto do objeto no qual se tem esperança possível.

Possibilidade não é um patriotismo enaltecedor. O oposto também está na possibilidade. O elemento perturbador também está na possibilidade. Essa perturbação está implícita na esperança assim como a capacidade de sucesso. Mas eu empreguei a palavra "processo", que tem muitos significados – químicos, médicos, legais e religiosos. Não haveria, em absoluto, nenhum processo se não houvesse algo que não devesse ser. Para concluir, eu gostaria de citar uma frase, uma bem simples e, quem diria, de Oscar Wilde: "Um mapa-múndi que não inclua Utopia nem sequer é digno de ser olhado."

Ernst Bloch (1885-1977) foi um dos principais filósofos marxistas alemães do século XX. Escreveu durante sua vida, longos 92 anos, sobre os mais diversos assuntos, mas especialmente sobre utopia, pelo qual hoje é conhecido. Exerceu influência difusa em diferentes ambientes intelectuais: Theodor W. Adorno, os teólogos Jürgen Moltmann, Johann Metz e Gustavo Gutiérrez (e com ele a Teologia da Libertação), o movimento ecologista na Alemanha, Herbert Marcuse, Fredric Jameson, Hans Heinz Holz, dentre outros.

Theodor W. Adorno (1903-1969) foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e outros.

crítica. Uma coisa está certamente contra ela, e uma vez que tenhamos cuidado de certos mal-entendidos, todos iremos estar de acordo aqui: esperança é o oposto de segurança. É o oposto de otimismo ingênuo. A categoria de perigo sempre está com ela. Essa esperança não é confiança...

Krüger: Esperanças podem ser frustradas.

Bloch: Esperança não é confiança. Se não pudesse ser frustrada, não seria esperança. Isso é parte dela. De outra forma, teria uma imagem formada. Deixar-se-ia ser vendida por pouco. Deixar-se-ia ser capitulada e diria: era isso que eu esperava. Assim, a esperança é crítica e pode ser frustrada. No entanto, esperança ainda hasteia uma bandeira no mastro, mesmo que em declínio, na qual o declínio não é aceito, mesmo quando muito forte. Esperança não é confiança. Está rodeada de perigos e é a consciência desses perigos e, ao mesmo tempo, a firme negação de tudo aquilo que continuamente faz o oposto do objeto no qual se tem esperança possível.

Possibilidade não é um patriotismo enaltecedor. O oposto também está na possibilidade. O elemento perturbador também está na possibilidade. Essa perturbação está implícita na esperança assim como a capacidade de sucesso. Mas eu empreguei a palavra "processo", que tem muitos significados – químicos, médicos, legais e religiosos. Não haveria, em absoluto, nenhum processo se não houvesse algo que não devesse ser. Para concluir, eu gostaria de citar uma frase, uma bem simples e, quem diria, de Oscar Wilde: "Um mapa-múndi que não inclua Utopia nem sequer é digno de ser olhado."

Ernst Bloch (1885-1977) foi um dos principais filósofos marxistas alemães do século XX. Escreveu durante sua vida, longos 92 anos, sobre os mais diversos assuntos, mas especialmente sobre utopia, pelo qual hoje é conhecido. Exerceu influência difusa em diferentes ambientes intelectuais: Theodor W. Adorno, os teólogos Jürgen Moltmann, Johann Metz e Gustavo Gutiérrez (e com ele a Teologia da Libertação), o movimento ecologista na Alemanha, Herbert Marcuse, Fredric Jameson, Hans Heinz Holz, dentre outros.

Theodor W. Adorno (1903-1969) foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e outros.